



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA

**ATA NÚMERO DOIS**

**ATA DA 1.ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE ABRIL DO ANO DE DOIS MIL E TREZE.**-----

----- Aos vinte e cinco dias do mês Abril do ano de dois mil e treze, pelas dez horas, na Praça Doutor José Vieira de Carvalho e no Salão Dom Manuel I, no edifício dos Paços do Concelho, reuniu a Assembleia Municipal da Maia, na sua 1.ª Sessão Extraordinária, convocada pelo seu Presidente, Luciano da Silva Gomes, em edital datado de três de abril de dois mil e treze e com a seguinte -----

**-----ORDEM DE TRABALHOS:-----**

**1. HASTEAR DAS BANDEIRAS NACIONAL E DO MUNICÍPIO:-----**

**2. EVOCAÇÃO DO DIA 25 DE ABRIL DE 1974.-----**

----- Verificadas as presenças, constatou-se as ausências dos Senhores Deputados Abílio Rodrigues de Sousa, Albino Braga da Costa Maia, Aloísio Fernando Maia Nogueira, Armindo Ferreira Moreira, Hamilton de Sousa Martins Prata, Lídia Paula dos Santos Silva Pereira Branco, Maria Alexandra Leite da Silva Torres, Maurício Fernandes de Oliveira Ramos, Pedro Miguel Monteiro Martins e Tiago Nuno Pires de Carvalho Oliveira Silva.-----

**1. HASTEAR DAS BANDEIRAS NACIONAL E DO MUNICÍPIO.-----**

A cerimónia foi iniciada com o hastear das Bandeiras Nacional e do Município pelos Senhores Presidentes da Assembleia e da Câmara Municipal, Luciano da Silva Gomes e Eng.º António Gonçalves Bragança Fernandes, ao som do toque do Grupo de Clarins da Fanfara da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Moreira-Maia. Seguiu-se no Salão Dom Manuel I, no edifício dos Paços do Concelho, a Sessão Solene Evocativa do 25 de Abril de 1974. -----

**2. EVOCAÇÃO DO DIA 25 DE ABRIL DE 1974.-----**

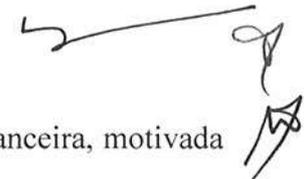
**O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA, SENHOR LUCIANO DA SILVA GOMES,**

saudou todos os presentes e agradeceu aos jovens que trouxeram estes dois momentos musicais do Conservatório de Música da Maia. Deu início à Sessão, informando que, tal como acordado na reunião de líderes, não se pagará a respectiva senha de presença, mas realçando que é um direito dos Deputados Municipais, se assim o entenderem. Nesta Sessão Solene iriam usar da palavra cada um dos representantes das Forças Políticas representadas na Assembleia Municipal, por ordem inversa de representatividade, seguida pela intervenção do Senhor Presidente da Câmara, e seria finalizada com a intervenção do Senhor Presidente da Assembleia Municipal. A Sessão seria encerrada com o Hino Nacional – "A Portuguesa", interpretado pelos Pequenos Cantores da Maia, ato ao qual todos se associariam.-----

----- Usaram da palavra os Senhores Deputados: -----

**FLORIANO DE PINHO GONÇALVES, PELOS INDEPENDENTES POR VILA NOVA DA TELHA,** depois da sua saudação aos presentes, disse o seguinte:-----

“Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Ex.mas Senhores Secretárias da Assembleia Municipal, Ex.mo Senhor Presidente da Câmara Municipal, Ex.mos Senhores Vereadores, Ex.mas Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas, Ex.mos Senhores Deputados, Senhores Presidentes de Junta, Comunicação Social, Ex.mo Público, Minhas Senhores e Meus Senhores, Hoje estamos a comemorar mais um aniversário do 25 de Abril. Nunca é demais repetir que após um longo período de obscurantismo a revolução dos cravos derrubou a ditadura. Durante décadas, o partido único controlava tudo e a todos controlava, e as liberdades individuais estavam condicionadas aos interesses desse partido. Por isso é preciso comemorar Abril, é preciso lembrar Abril, é preciso evocar Abril, para que nenhuma ditadura encontre campo fértil para se desenvolver. Foi há trinta e nove anos que a ditadura foi derrubada e as portas abertas à democracia e à liberdade. A liberdade é um pilar essencial da democracia e os seus valores fundamentais são os direitos individuais à vida, à igualdade de oportunidades, à equidade na justiça. Atravessamos tempos difíceis motivados por

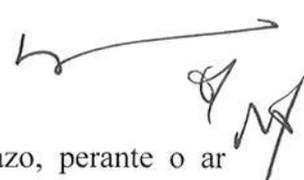


circunstâncias externas e internas. A crise mundial que começou por ser financeira, motivada pela ânsia do lucro fácil, estendeu-se depois à economia e a recessão generalizou-se. Todavia, nem todos os países sofrem as mesmas dificuldades e parece que os países do sul e periféricos estão a ser os mais castigados. O nosso país, enquadrado numa Europa em dificuldade, não escapou a essa crise. Sendo esta a causa externa, não podemos deixar de pensar nas causas internas. Nem todos os caminhos, políticos e económicos, que percorremos desde o 25 de Abril terão sido os mais adequados. A troca de compensações monetárias destruiu a produção agrícola, reduziram-se as pescas, desativou-se parte do tecido empresarial. Apostou-se no cimento e no alcatrão. O Estado passou a viver acima das suas possibilidades. Os bancos abriram a torneira do crédito. Criou-se na sociedade portuguesa a ilusão do bem-estar contínuo, sem ponderar se era sustentável e sem pensar nas consequências futuras. Ultimamente a situação tem-se agravado cada vez mais e agora é a austeridade que nos impõem, e que se avoluma de dia para dia, com o corte de subsídios e aumento indiscriminado dos impostos. Para fazer face ao défice aumenta-se a receita, à custa de mais impostos, procura reduzir-se a despesa do Estado e a Troika impõe-nos condições. Tudo isto está a contribuir para o crescimento descontrolado de desemprego e o empobrecimento de várias camadas da população que, em alguns casos, roça a proximidade da indigência. O recurso à ajuda de instituições de caridade é cada vez maior. Finalmente divulga-se a hipótese de mais cortes na segurança social, na saúde, na educação, acrescentando-se austeridade à austeridade. É preocupante quando do FMI vem o recado, que somos a segunda pior economia da Europa e a quarta pior do mundo, em termos do crescimento do PIB. Senhor Presidente, Senhores Deputados, estamos a festejar Abril. É imperioso acreditar no futuro e não embandeirar em pessimismos e em desânimos. Comemorar Abril é acreditar em Portugal em liberdade. Comemorar Abril é apostar no desenvolvimento e na modernidade. Comemoramos Abril apelando ao entendimento, ao patriotismo e ao sentimento do dever a cumprir de toda a classe política. Que se comece desde já com o necessário empenho de todos, políticos e comunidade

civil, trabalhadores e empresários a reconstruir Portugal. Celebremos Abril, exigindo aos governantes que terminem com esta política que conduz ao empobrecimento e que tenham a capacidade para incrementar as necessárias e urgentes medidas que resultem em progresso, para que a retoma da economia seja uma realidade, para que o desemprego seja sustido, para que a pobreza seja erradicada, para que os ideais do 25 de Abril se cumpram e se continuem a cumprir. Viva o 25 de Abril! Viva a Maia! Viva Portugal!”-----

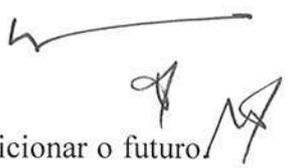
**DAVID AUGUSTO DUARTE TAVARES, PELO CENTRO DEMOCRÁTICO SOCIAL/PARTIDO POPULAR** saudou todos os presentes e de seguida disse o seguinte: -----

“Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Maia, Ex.mo Senhor Presidente da Câmara Municipal, Ex.mos Srs. Deputados, Senhores Vereadores aqui presentes, Ilustres Convidados, Meus Senhores e minhas Senhoras, Dirijo-me hoje a esta augusta Assembleia uma vez mais numa data comemorativa do 25 de abril. A Sessão de hoje deveria ser a homenagem à liberdade, ao desenvolvimento e à paz social, deveria ser uma homenagem a algo que nos pertence mas que nunca podemos considerar definitivamente adquirido. Faço parte de uma geração que nasceu no Estado Novo mas que sempre cresceu em liberdade. Faço parte de uma geração que sonhou, que acreditou. Uma geração que deve ao 25 de Abril e ao 25 de Novembro – a liberdade de pensar, participar e discordar. Mas também faço parte de uma geração que já não aceita que em Portugal, alguns façam do 25 de Abril, uma carreira ou até, um modo de vida. A geração a que eu pertenço, dispensa tutelas e está mais preocupada com o estado a que Portugal chegou. Ou seja, com o estado a que Portugal chegou por falta de desenvolvimento. Infelizmente desde o 25 de Abril de 1974 todos os discursos para assinalarem o aniversário da revolução têm ficado marcados por apelos à necessidade de recuperar a economia e dar sentido aos sacrifícios. Há 35 anos, exactamente no dia em que Portugal recebia um empréstimo do Fundo Monetário Internacional para ajudar a estabilizar a economia, o Primeiro-Ministro de então, Mário Soares, ouviu o Presidente Ramalho Eanes assumir que não hesitaria em tomar medidas necessárias para assegurar a viabilidade da



nação. Eanes deixava antever uma nova solução de governo a curto prazo, perante o ar desagradado de Mário Soares. O Presidente de então considerava que a recuperação da economia e a absorção do desemprego eram problemas graves, sendo necessário vencer dificuldades para dar sentido aos duros sacrifícios que eram à época exigidos aos portugueses. Sete anos depois, em 1984, o FMI tinha regressado a Portugal, a democracia tinha dez anos e Ramalho Eanes entendia que não havia justificação para o tempo perdido. No seu discurso, falou de energias dispersas e na falta de rigor que afastava o país da sua independência. Já não havia mais espaço para erros, alertava. Em 1994, Mário Soares era presidente e Cavaco Silva chefiava o Governo depois de duas maiorias absolutas, mas antes do bloqueio da ponte de 25 de Abril e do congresso “Portugal: que futuro?”. Na altura, Soares traçava um quadro crítico da situação económica e pedia soluções urgentes para carências graves. Em 2003, altura em que Durão Barroso era Primeiro-Ministro, o Presidente Jorge Sampaio dizia que Portugal estava mergulhado numa crise internacional, era preciso não desperdiçar mais tempo e controlar as finanças públicas era uma obrigação fundamental. Em 2006 dizia Jorge Sampaio: “A actual crise económica e financeira é séria e o seu tratamento implica custos a curto e a médio prazo para se poderem obter vantagens a longo prazo, com a agravante de que os mais sacrificados poderem não ser os que serão mais beneficiados. Daí que seja conveniente explicar bem a necessidade e a finalidade das medidas da política, procurando minimizar e repartir equitativamente os sacrifícios que as mesmas possam implicar. Contudo lembrava Sampaio há mais vida além do orçamento. Em 2011 estava em Portugal de novo o FMI e Cavaco Silva dizia no seu discurso nas Comemorações do 25 de Abril : “A história celebra-se não apenas no que tem de festivo ou glorioso mas também pelo que revela quanto à capacidade de um povo para responder aos sacrifícios, para se manter coeso e solidário nas alturas difíceis”. Hoje, por todo o País alguém estará a falar de esperança, falar de sacrifícios, falar de dificuldades. Parece que nada mudou. E porque a história seja ela qual for, grande ou pequena, de um homem ou de um país, não deixa de ser a expressão da luta da memória

contra o esquecimento, é importante contá-la. É a melhor maneira de preservar os traços caracterizadores da identidade de um povo. Espero sinceramente que quando a minha filha crescer um pouco mais, e me perguntar o que foi o 25 de Abril, eu não lhe diga qualquer coisa do género: Sabes filha em Portugal em 1974 houve uma revolução. Portugal era um país pobre, um país de emigrantes, um país triste, um país sem futuro e sem empregos. Foi o 25 de abril que trouxe a esperança da mudança. Espero que ela não me responda, mas pai e agora não somos um país pobre, um país de emigrantes, um país triste, um país sem futuro e sem emprego? Espero sinceramente que tal não aconteça, espero sinceramente que essa pergunta não me venha a ser feita, pela simples razão de que ela traduziria o fracasso de um regime, o fracasso de algumas gerações, o meu próprio fracasso. O fracasso em suma de todos aqueles que não foram capazes de impedir a falência do país, a degradação das instituições, a corrosão dos ideais e a destruição dos sonhos. Esta minha preocupação não visa este ou qualquer outro governo, não tem destinatário certo. Visa-nos a todos, porque a questão política/partidária é muito insignificante quando se fala de Portugal, da Pátria ou de liberdade. Nenhum governo desde o 25 de abril soube inverter a tendência recessiva e despesista que levou Portugal a um regresso ao passado. Antes da revolução Marcelo Caetano dizia nas suas conversas em família que os sacrifícios eram a bem da Nação, hoje ouço que os sacrifícios são no “superior interesse da Nação”, Maquiavel se vivesse nos dias de hoje diria que eram “razão de Estado”. Parece que nada mudou! Senhoras Deputadas, Senhores Deputados, ilustres convidados, termino não esquecendo a matriz social democrata do partido que represento e escutando com atenção o que a Conferência Episcopal nos tem, sistematicamente, dito não basta em tempos de crise apelar à sempre presente solidariedade dos portugueses, é essencial que existam políticas públicas que acudam às crescentes aflições das famílias e que ponham a cobro a dois flagelos intoleráveis: o crescimento descontrolado do desemprego e o empobrecimento cavalgante da classe média, esteio de qualquer sociedade civilizada, que corre o risco de desaparecer. Um País sem emprego e sem classe média é uma ficção e sendo uma ficção



torna-se um país improvável, um país sem qualquer margem para poder ambicionar o futuro. Ora um país sem ambição de futuro é um país que se apresenta como as coutadas de caça, disponíveis apenas para alguns. É um país em que apenas alguns, os beneficiários do sistema que engrandecem seja qual for a vontade expressa eleitoralmente pelo povo, é um país que rejeita a sua juventude, que desrespeita os seus idosos e que trai aqueles que no 25 de abril de 1974 e no 25 de novembro de 1975 lutaram pela dignidade individual e pelo bem-estar comum. Façamos votos para que assim não seja e saibamos que comemorar uma data do passado, mesmo que recente, só tem sentido em nome da confiança e da esperança que possamos ter no amanhã! Viva a Maia! Viva Portugal!-----

**PEDRO MIGUEL NEVES FERREIRA, PELA COLIGAÇÃO DEMOCRÁTICA UNITÁRIA**, saudou todos os presentes e de seguida disse o seguinte: -----

“Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Ex.mo Senhor Presidente da Câmara Municipal, Demais Membros da Mesa, Caríssimos Srs. Deputados e Estimados Membros do Público: reunimo-nos hoje para celebrar o aniversário do 25 de abril de 1974, da Revolução dos Cravos, como ficou designada depois de alguns soldados revoltosos terem colocado essas flores nos canos das suas armas, criando uma imagem poderosa e de contornos poéticos e cunhando a libertação portuguesa da mais longa ditadura fascista que a Europa conheceu de um modo invulgarmente belo. A dimensão poética da Revolução Portuguesa, para lá da libertação do país, para lá do pão, da paz, da habitação e da educação, da terra para quem trabalha, do direito à greve, das palavras de ordem, estas e outras, que um povo sedento de liberdade saiu à rua e corajosamente delas se fez voz, a dimensão poética da Revolução, dizia eu, traduziu também a libertação dos sonhos agrilhoados na desesperança de um país que via os seus filhos empurrados para um guerra perdida ou para a emigração forçada. O dia 25 de Abril de 1974 foi o dia a partir do qual os sonhos se libertaram juntamente com as mulheres e os homens de Portugal. Nunca nos cansaremos de repetir as grandes conquistas que a democracia e a liberdade nos permitiram. A saúde e a educação, sobretudo, porventura as

grandes conquistas colectivas do Portugal democrático, sem esquecer nunca os direitos laborais, a Reforma Agrária, a luta dos operários e dos camponeses à qual a democracia muito deve, pois sustentaram o processo revolucionário nas suas fases mais difíceis e ajudaram decisivamente a sedimentação da democracia. Estas conquistas, património colectivo dos portugueses, são tão mais importantes quanto são colocados em causa, trinta e nove anos volvidos, e até questionáveis na sua importância, na sua validade como se de meros pormenores se tratassem. É por isso, pois, que celebrar o 25 de Abril é indissociável de lutar pela defesa do seu património. Passaram trinta e nove anos e, de novo, as gerações mais jovens são compelidas à emigração para poderem ter acesso a um trabalho. A saúde tem os seus custos aumentados, sendo já hoje o acesso universal aos cuidados básicos uma miragem. A educação segue o mesmo rumo, já não é para todos e o acesso está directamente dependente da capacidade financeira, realidade especialmente evidente no ensino superior. Os direitos laborais vão sendo coarctados ano após ano, por governo atrás de governo. De resto, o número de trabalhadores empregados que não conseguem deixar a situação de pobreza deveria envergonhar-nos. Certamente envergonha a memória de todos os que, pela sua luta e perseverança, contribuíram para, em 1974, ter havido 25 de Abril. Perante este cenário, há quem diga do fundo da desesperança e da revolta, que é necessário outro 25 de Abril. Pois nós dizemos que não. O que é preciso, o que é indispensável, é defendermos as conquistas, os valores, a Constituição, a dimensão revolucionária do 25 de Abril, pois aí está o caminho do progresso, como Portugal já pôde ver. A validade desta afirmação encontra-se precisamente no modo afincado como os grandes beneficiários do fascismo e os seus sucedâneos vão desvalorizando as conquistas revolucionárias, reescrevendo a história da ditadura, reduzindo o 25 de Abril a um mero excesso corrigido a 25 de Novembro, um passo enfim contraproducente numa alegada democratização em curso, e outras bafiantes ficções da mesma ordem. Estes ataques, cada vez menos velados, oriundos de quem tem medo do povo e da sua força, certificam a dimensão libertadora e empoderadora da Revolução portuguesa e

dos seus valores. Aqui afirmamos a sua validade, a sua actualidade, a sua força mobilizadora e a sua dimensão progressista. É com o legado da Revolução dos Cravos que, estamos certos, poderemos construir ainda outra vez um país livre e desenvolvido. Celebrar a Revolução, dela fazendo memória, é também, eu diria até, é sobretudo celebrar o futuro. Viva o 25 de Abril!"--

**SILVESTRE SANTOS GOMES PEREIRA PELO BLOCO DE ESQUERDA** saudou todos os presentes e disse o seguinte: "Ex.mo Senhor Presidente, Ex.mos Deputados, Autoridades Presentes, Colectividades, Digníssimo Público, Perante a desgraça social da crise em que nos mergulharam, temos, por um lado, de saber reconhecer que foram as formas de organização social, que Abril permitiu criar, que nos defenderam de um regresso acelerado ao "antigamente", e que elas estão hoje fortemente inoperantes, ou foram destruídas, em muitos casos. Por outro lado, a integração europeia e internacional do nosso País tem também de abandonar as políticas de empobrecimento e austeridade de uma União Europeia disfuncional, inoperante e que preteriu a coesão social em benefício dos mercados. Não há soluções para o estado actual das coisas, para este governo, ou outro qualquer governo, que insista na austeridade, que se negue a reestruturar a dívida, o seu montante e os abusivos juros que nos estão impostos e permita que a política seja determinada por credores agiotas. Se continuarmos a ser governados de facto por elites e interesses privados, continuaremos a rejeitar a esperança, e a não confiar na mudança. Chegamos a este Abril com uma certeza: não é este o caminho! Se não formos nós, cidadãos, todos nós, a intervir na vida pública, se não soubermos contrapor a negociatas sempre dos mesmos, a unidade na acção de todas as sensibilidades e correntes sociais, ninguém o fará por nós. Os tempos que hoje atravessamos terão fim, como teve fim uma ditadura que a si própria chamou de "Estado Novo", e que se pretendia eterna. Como a miséria e o regabofê do final da monarquia passaram; como a inquisição e os Filipes passaram! Mas há que aprender com o passado e saber criar outro futuro, o de todos nós, intervindo no presente! Não nos resignamos, acreditamos na força imensa do nosso povo! É com revolta que vemos que é possível imaginar virmos um dia a

deparar com um cartaz que diga: sorria, está a ser roubado, roubado, aqui e em todo o lado! Esta frase poderia, nos tempos que correm, estar em todas as entradas do nosso Concelho, e em todo o lado, pelo País fora. E, pelo menos, por três razões, não seria uma frase totalmente absurda: - em primeiro lugar, o que nos trouxe aqui foi a comemoração do 25 de Abril. E a esperança que então, nesse dia, foi de todos. A sensação de poder falar e dizer sem medo, e que uma guerra sem fim ia poder ter, finalmente, um fim! Mas o que comemoramos é, acima de tudo, o que depois conseguimos construir. Porque deixámos de ser uma terra de que a única saída era emigrar. Em vez de um mar de miúdos analfabetos, de pé descalço, passamos a ter uma escola pública de que nos podíamos orgulhar, em termos de qualidade, e que era para todos. Em vez de filas de espera intermináveis nos postos da Caixa de Previdência, passamos a ter um Serviço Nacional de Saúde de que também nos podíamos orgulhar, e que era também para todos. Porque, não nos esqueçamos, o trabalho deixou de ser precário como era norma para quase todos, os salários miseráveis e as condições de trabalho aviltantes mudaram, e toda uma geração pode mandar os filhos à escola e deixar de comprar fiado à mercearia. Tudo isto, e muito mais, que a expressão “conquistas de Abril” habitualmente designa, é, de facto, o que comemoramos neste dia! E é isso o que nos está a ser roubado, aqui e em todo o lado! O poder que, aos poucos, foi sendo devolvido à elite do anterior regime, pelos sucessivos governos dos senhores do costume, diferentes mas no fundo iguais, levou ao descalabro a que hoje assistimos, dia após dia, pelo País fora! O que hoje está a assistir-se é um ajuste de contas, dum punhado de privilegiados de então e os novos sócios que entretanto adquiriram, contra todo um povo que exigiu ter uma vida e um País decente! Porque tivemos a audácia de achar que tínhamos de nos tornar uma terra de abrigo, onde não se pudesse dizer que “os sem-abrigo aguentam”, e uma terra de trabalho, sem que alguém tivesse a lata de nos dizer que o que os jovens tinham de fazer era emigrar! O que nos está a ser roubado, o que está a ser roubado um pouco por todo o mundo, é a ideia de um estado social e uma democracia participada, e quem nos rouba é uma elite neo-liberal, que defende, no fundo, um



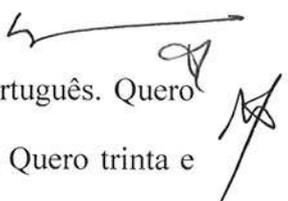
mundo dividido apenas em duas partes: um condomínio de luxo fechado, para eles, e um bairro de lata imenso, para todos os outros. Temos outra certeza, confiamos tempo demasiado os nossos destinos a elites que nos têm governado e sempre tiveram como objectivo representar e defender uma casta egoísta de interesses privados e da finança, usurpando a riqueza colectiva em benefício de meia dúzia. Exemplos disso têm sido as privatizações, as PPP's e os empréstimos em condições de economia em casino que dolorosamente todos estão a pagar. E é com este nó cego em que estes senhores enredaram o país de sucessivos negócios ruinosos e comprometedores, que o nosso futuro e o dos nossos filhos se defrontam. A nossa terra, o nosso País, o mundo inteiro, querem outro caminho, porque há alternativa, porque não tem sentido viver esmagado por uma dívida que cresce, cresce, cresce sempre, em espiral, a mando de servidores de uma quadrilha de financeiros sem regras nem escrúpulos. Em segundo lugar, tudo isto acontece com jornais e canais de televisão a repetirem, dia após dia, que tem de ser assim, o que se passa é inevitável. Esses jornais e canais de televisão têm donos, parte justamente dessa mesma elite a quem convém que se diga que é assim que tem de ser! Comentadores muito considerados, mesmo que parte deles fossem, de todo em todo, desconhecidos há coisa de um ano, "explicam-nos" que a coisa é mesmo assim, que tem de ser assim, que a culpa foi de todos nós, ou seja não é apenas um roubo, os ladrões "somos nós próprios", há que sorrir porque agora tudo se vai revolver. Mesmo que três quartos da dívida internacional do nosso país, que eram dívida privada da banca e das sociedades financeiras, e não eram dívida pública se transformaram, por arte do tal "inevitável", numa conta que nós, todos nós, e não a banca, vamos ter de pagar. Pagamos o BPN, pagamos o BPP, pagamos submarinos, porque os condenados na Alemanha por corrupção não têm companhia de corruptos dentro de portas, pagamos tudo. E há que sorrir, porque temos de saber comportar-nos como deve ser! E essa mesma banca, e essas mesmas sociedades financeiras recebem, apenas recebem, recebem tudo e mais um pouco daquilo que todos pagamos. E esperam que aceitemos que este é, também, o momento de sorrirmos, e que se o nosso sorriso tiver de ser o

sorriso das caveiras, é porque era inevitável, é assim, dizem! Em terceiro lugar, mesmo não sendo este o tema de debate o que nos trouxe aqui hoje, não deixa de ser de referir o quanto é prejudicial para o nosso desenvolvimento do Concelho algumas posições seguidistas do nosso Executivo Camarário, e de boa parte desta Assembleia Municipal, que cegamente, por vezes dão cobertura aos mesmos interesses, que mantêm o rumo do desastre e do absurdo das escolhas políticas impostas pelo poder central, como foi exemplo a aprovação pela maioria da extinção de quase metade das freguesias do nosso Concelho. Assim é, efectivamente, pois perante a destruição do País por quem o governa nominalmente e por quem, de fora, o governa de facto, os membros da maioria nos nossos órgãos camarários dão cobertura muitas vezes a essa gente, mesmo se por vezes lamentando “terem” de o fazer, mesmo se mostrando, de vez em quando, uma certa relutância em obedecer ao poder central, mas sem nunca, de forma clara clamar contra a injustiça e a indecência do que a todos nós está a ser feito, quando se trata de ter princípios e votar contra, e dizer “Basta”! Porque o que está a acontecer é um roubo! Porque o que nos estão a roubar é o que aprendemos a chamar “O 25 de Abril”! Porque quando o pensamos, dizemos e escrevemos assim, com maiúsculas, “O 25 de Abril” está tudo dito! Não queremos nem podemos sorrir quando nos roubam! Quando nos subtraem a dignidade! Quando nos empurram para a miséria! Queremos o país que é nosso, de todos nós! Que não é, por muito que o tentem dizer, de uma Troika e dos pressupostos “salvadores nacionais”. E é por isso que hoje dizemos: exigimos ser donos do nosso destino! “O Povo é quem mais ordena” O 25 de Abril é do Povo! Viva o 25 de Abril!”-----

**LUÍS MARIA FERNANDES AREAL ROTHES, PELO PARTIDO SOCIALISTA,**

saudou todos os presentes e disse o seguinte: -----

“Grândola, vila morena, terra da fraternidade, o povo é quem mais ordena, dentro de ti, ó cidade! Ex.mos Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Maia, Senhores Deputados Municipais, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhores Vereadores, Caros Cidadãos, hoje quis em nome do Partido Socialista lembrar aqui os primeiros versos da canção de Zeca



Afonso que se tornou um símbolo da implantação do regime democrático português. Quero hoje relembrar este símbolo da liberdade e da esperança num mundo melhor. Quero trinta e nove anos depois afirmar que continuamos, com gosto e com orgulho, a celebrar este momento decisivo da história contemporânea portuguesa. Desde logo, é bom afirmar que comemorar o 25 de Abril é uma forma de dizermos que temos memória, que não esquecemos uma ditadura indesculpável, que se suportou na opressão e na censura, na prisão política e na tortura; que mergulhou o país numa guerra colonial absurda e contraproducente; que limitou as possibilidades da nossa economia se integrar no espaço das nações democráticas e de acompanhar o ritmo impressionante de crescimento das economias europeias do pós-guerra, forçando assim aproximadamente um milhão de portugueses a emigrar. A democracia portuguesa não pode esquecer isto e não pode esquecer ou subestimar as atrocidades cometidas pela ditadura ao longo de quarenta e oito anos. Não podendo esquecer, também, aqueles que, de forma corajosa, combateram, quantas vezes à custa da própria vida, para que hoje vivêssemos em paz, em liberdade e em democracia. Mas ter memória é também afirmar tudo o que conseguimos com a democracia. Sobretudo nesta altura que vivemos a mais séria crise económica desde os anos trinta do século passado, temos que sublinhar contra aqueles que desejam denegrir a democracia, temos que afirmar que, desde 1974, Portugal vive o mais longo período de paz e de democracia da sua História já multiseccular. E isto num quadro em que, apesar de todas as dificuldades que vivemos, e que não podemos esquecer, apesar de todos os problemas e injustiças que prevalecem, e que não podemos esquecer, não podemos deixar de lembrar que, ainda de modo insuficiente, construímos com a democracia mecanismos essenciais de um Estado Social, conseguindo melhorias muito importantes em domínios como os da educação, da saúde e da segurança social. Numa altura em que ventos conservadores e liberais procuram desvalorizar os resultados alcançados com este Estado Social, destruir algumas traves mestras do edifício em que o Estado Social se sustenta, comemorar a democracia portuguesa é, hoje de modo decisivo, defender este Estado Social

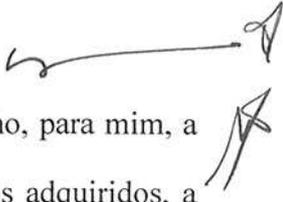
em que socialistas, democratas-cristãos, outros humanistas e progressistas ajudaram a construir em Portugal. O Estado Social não é um luxo que possamos dispensar, é uma condição imprescindível para o desenvolvimento e de justiça social, é um património valioso de valores e regras solidárias, que nos pode ajudar a garantir uma vida decente a todos os portugueses. E esta é uma questão fundamental: não podemos permitir que preconceitos ideológicos contra conquistas sociais que considerávamos inquestionáveis e que hoje tanto marcam o discurso político e mediático nos façam esquecer o sofrimento agudo e hoje temos que lembrar o sofrimento agudo que marca o quotidiano de tantos portugueses. Há tragédias insuportáveis nas vidas de tantos desempregados em Portugal, de tantas famílias afogadas em dívidas e incapazes de pagar contas e alimentar os seus filhos, há tragédias em tantos idosos isolados, há tragédias em tantos jovens sem esperança nem condições para construir projectos de futuro. Não podemos apenas indignar-nos, temos que nos empenhar, de todas as formas, para que todas as localidades sejam, como Grândola, terras de fraternidade. Para além de todas as palavras temos que conseguir, afinal, esta coisa essencial que cada criança, por exemplo, que nasça hoje dia 25 de Abril de 2013, ou qualquer outro dia tenha esse direito a uma vida decente e que não seja penalizada pelas condições sociais do seu nascimento, isto é pensar em 25 de Abril; Evidentemente, o poder local tem que assumir as suas enormes responsabilidades neste desafio. Os ataques, sem precedentes, que o poder central tem feito ao poder autárquico são cegos e são ataques verdadeiramente incompreensíveis. Precisamos, mais do que nunca, de um poder próximo dos cidadãos que contribua para a melhoria da qualidade de vida dos portugueses. Evidentemente, não um poder local apagado, um poder local sem projectos, um poder local incapaz de se renovar, um poder local apenas preocupado com a sobrevivência e a gestão, quase diria mesquinha, do ciclo político. Um poder local que é fraco em tempos de maior abundância é um desperdício, mas um poder local que é fraco em tempos de crise é uma privação inaceitável. Precisamos, pois, também na Maia, de uma renovação política, que assegure uma nova maioria política, que seja mais rigorosa, que seja

mais competente, que seja mais ambiciosa e que seja sobretudo muito mais solidária. Os Socialistas na Maia continuaram comprometidos, continuaram empenhados de uma forma exigente, clara, consistente, a apresentar propostas e soluções para o futuro do Concelho. Estamos cientes da nossa responsabilidade e queremos ajudar a encontrar as soluções necessárias para o Concelho. É por isso que neste empenhamento na construção de uma terra de fraternidade, assumimos aqui uma vez mais a nossa responsabilidade para restituir o dinamismo à Maia, um dinamismo que reforce nos nossos considerandos a confiança no futuro numa terra em que o povo é quem mais ordena. É também assim que queremos realizar as promessas lançadas a 25 de Abril de 1974, que aqui hoje solenemente, comemoramos”.-----

**ANTÓNIO FERNANDO GOMES DE OLIVEIRA E SILVA, PELO PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA**, fez a sua saudação a todas as personalidades presentes e disse o seguinte: -----

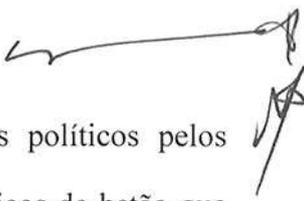
“Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhoras Secretárias, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Ilustres Companheiros Deputados, Ex.mas Senhoras e Senhores Dirigentes de Colectividades e Instituições do concelho da Maia, Ilustres Maiatos que hoje nos honram com a sua presença, Ex.mos Senhores Jornalistas, Estimado Público, Começo esta minha intervenção por cumprimentar a Mesa da Assembleia Municipal pela realização desta Sessão Extraordinária Comemorativa do 25 de Abril. Esta Sessão acontece tradicionalmente no nosso Município cumprindo e celebrando a Democracia e o espírito de Abril. V. Exa, Senhor Presidente da Assembleia Municipal, é o primeiro responsável pela criação e implementação destas comemorações que, há mais de uma década, esta Assembleia protagoniza de forma exemplar. Continuo a entender que a melhor forma para comemorar Abril é continuar a apelar para que a cidadania seja um valor de referência. Exercer cidadania é cumprir Abril. A democracia só existe realmente quando assegura a todos, sem excepção, a possibilidade de exercerem, em absoluta plenitude, os seus direitos de participação na discussão da vida pública da sua terra e do seu País. Enquanto políticos e autarcas, devemos

fazer tudo o que está ao nosso alcance para proporcionar aos nossos munícipes todas as condições para o exercício da sua cidadania. E a Cidadania só se exerce com eficácia se os poderes instituídos disponibilizarem instrumentos capazes para o seu exercício. Para mim, a melhor forma de comemorar e respeitar o espírito Abril é criar mecanismos de consolidação de uma democracia verdadeiramente participativa. Creio que nesta matéria esta Assembleia Municipal tem sabido constituir-se como um contributo permanente ao espírito de Abril e assume-se claramente como um paradigma a nível nacional. Apesar de o PSD ter uma ampla maioria nesta Assembleia, sempre respeitou o estatuto da oposição. A forma unânime com que as reuniões de líderes preparam toda e cada uma das Sessões desta Assembleia, é bem elucidativa da nossa capacidade de criar consensos, respeitando as naturais e legítimas diferenças entre as forças políticas aqui representadas. O PSD na Maia, já provou amplamente que é capaz de governar em maioria, sem asfixia democrática, decidindo e assumindo sempre as responsabilidades das suas decisões. Foi rigorosamente assim que a Mesa convocou esta Sessão Solene. Creio que, desde que sou Autarca, nunca fez tanto sentido invocar o espírito de Abril de 74 e celebrar a Liberdade e a Democracia. É facto que Portugal se encontra amputado de autonomia legislativa por se encontrar num plano de assistência financeira externo. Tinha a convicção de que a Troika e o Governo da Nação iam ser amplamente citados e até censurados nesta Sessão Solene (e pelo vistos não me enganei). É igualmente facto que temos um País onde se assiste a um colonialismo financeiro. Já todos os Portugueses perceberam que não são apenas as ditaduras que cerceiam as liberdades e privam de direitos os indivíduos. Assistimos hoje à ditadura do endividamento. Um colossal endividamento externo emparelhado com um desmesurado défice das contas públicas origina que, hoje, o Governo da República teima em construir orçamentos que não cumprem a Constituição da República Portuguesa, mas que certamente se sujeitam à Constituição da Alemanha. Assistimos aqui a uma censura da acção do Governo diabolizando a sua acção e até dizendo que este exercício governativo é um processo de destruição da democracia em Portugal. Não tenho esse



entendimento e não creio ser esta a Assembleia adequada a esse debate. Tenho, para mim, a certeza de que os Portugueses não mais vão dissociar a liberdade, os direitos adquiridos, a autonomia democrática e a independência da Nação do rigor da gestão das contas públicas. A verdade é que Portugal chegou a esta situação de colonialismo financeiro e, aparentemente, não há responsáveis. Creio que a responsabilização por parte dos eleitos pelas medidas que tomam, é um dos fundamentos de um Estado Democrático. Pelos vistos é impossível que tal aconteça com os Governantes da Nação. Felizmente estamos a comemorar Abril na Maia e na Maia isso não acontece. O PSD assume a responsabilidade da gestão deste Município nos últimos trinta anos, e aqui estamos para prestar contas das medidas estruturais que fomos implementando no nosso Município e que fazem dele um Concelho de referência a nível nacional. Se já referi que o País vive amputado de autonomia legislativa, podemos afirmar com orgulho que a nossa Maia dispõe de uma malha larga para as restrições decorrentes do Plano de Assistência Financeira que pende sobre o País. Essa preservação da nossa autonomia e a capacidade de que dispomos hoje para fazer face aos graves problemas do país, não foi obra do acaso. Se hoje estamos em condições de minorar a perda de qualidade de vida dos portugueses que vivem na Maia, isso deveu-se a uma estratégia de desenvolvimento do Concelho: quando no país começou a autofágica política de destruição do sector secundário, em nome de uma fantástica terciarização da economia, a Maia construía a segunda maior zona industrial do país e a maior do norte de Portugal. Graças a essa estratégia a Maia é atualmente um dos municípios que mais exporta em Portugal; quando no País se começou a pensar em redes de distribuição de água e saneamento, já a Maia dispunha de uns Serviços Municipalizados que cobriam destas infraestruturas mais de 90% do Concelho. Ainda hoje os Municípios circunvizinhos não logram atingir o patamar de cobertura dos nossos SMEAS, sendo que, a sua esmagadora maioria, concessionou a privados estes Serviços. Estou convicto de que o activo SMEAS é suficiente para liquidar toda a dívida de médio e longo prazo do nosso Município; quando no país se começou a falar em políticas ambientais como

fundamentais para a qualidade de vida, já a Maia se assumia como um Município onde o ambiente estava em primeiro lugar. Quando todos os outros municípios lutavam contra aterros a céu aberto, já a Maia tinha no seu território uma central de valorização energética de tratamento de resíduos sólidos urbanos. Hoje estamos a implementar uma recolha selectiva porta a porta, em todo o Município, continuando, portanto, bem na linha da frente, também nesta área; quando o país tinha os maiores níveis de crescimento do seu PIB, a Maia teve a audácia de se endividar e de construir um sem número de equipamentos de fruição colectiva, que vão do desporto à acção social, da juventude à cultura, do ambiente à habitação, da rede viária à terceira idade. Se aqui me atrevesse a elencar todos os investimentos efetuados, essa lista seria quase interminável; quando o país viveu o flagelo da fuga do capital estrangeiro para os países de mão-de-obra mais barata, a Maia foi capaz de transformar a perda de uma indústria estrangeira de ponta numa oportunidade de excelência, refiro-me à Texas Instruments e obviamente ao Parque de Ciência e Tecnologia da Maia, que lhe sucedeu. Quando surgiu o boom imobiliário, já a Maia dispunha de um ordenamento de território e de uma infraestruturização que fez do concelho da Maia o concelho com maior atractividade em Portugal. Foi graças a esta assertividade que a Maia é o concelho da Área Metropolitana do Porto com o maior índice de sustentabilidade potencial, com um valor muito acima da média da região e do país. Por outro lado, em sucessivas operações de loteamento e de investimento, o Município da Maia conseguiu granjear para si próprio um património imobiliário alienável superior a cem milhões de Euros; quando o país enceta a paladina preocupação de construção de redes viárias estruturantes que culminou nas trágicas PPP's, já a Maia dispunha de uma rede viária equivalente às melhores congéneres europeias. E quando a Área Metropolitana do Porto preconizou um modelo alternativo de transporte urbano, a Maia colocou-se na linha da frente do projeto da Metro do Porto; quando surgiram os primeiros sinais de endividamento excessivo do País, a Maia foi dos primeiros municípios a reagir, encetando um processo de amortização da dívida, que reduziu, em menos de sete anos, mais de 60 milhões de Euros;



quando no País, já fortemente endividado, se continuavam a medir os políticos pelos quilómetros de auto-estrada que construíam e os autarcas pelos metros cúbicos de betão que edificavam, a Maia teve a coragem de centrar a sua ação política nas pessoas. Quando no País surgem as actividades extracurriculares para os meninos do primeiro ciclo, já a Maia as colocava em prática há mais de uma década; a prova do que estou a afirmar está bem patenteada no quarteto de cordas do Conservatório de Música da Maia, que tão gentilmente aqui veio abrilhantar esta nossa Sessão. Disse o Senhor Presidente da Assembleia Municipal que esperava que estes jovens músicos tivessem um grande futuro. Cumprimento o quarteto de cordas na pessoa do Gustavo. O Gustavo é o primeiro violino. O Gustavo é um jovem maia. O Gustavo é o primeiro violino de um quarteto de cordas de excelência. O Gustavo é ponta de lança de uma equipa de futebol que subiu aos campeonatos nacionais, o Gustavo é um brilhante aluno que irá entrar na universidade pública que escolher neste país. Este quarteto de cordas é o espelho e cumprimento o Gustavo e uso como exemplo daquilo que foi, daquilo que é a nossa política educativa no nosso Concelho. Estamos hoje aqui, em final de mandato autárquico, a celebrar Abril com orgulho dos ideais humanistas consagrados na Revolução dos Cravos. Olhando para o Estado do País, parece-nos óbvio que a gestão do PSD no município da Maia se afigura como um inestimável contributo para a preservação da dignidade da pessoa humana, consubstanciada na nossa capacidade de garantir para os nossos concidadãos, uma qualidade de vida bem acima da triste média nacional. O contributo dos autarcas da nossa Maia para a credibilização da gestão autárquica é, no tempo que vivemos, o melhor input que podemos consagrar à Democracia e à Liberdade. Defender Abril é hoje ser um motor da reconstrução do nosso país. A nossa Maia será, continuará a ser um importante motor de arranque da economia na zona norte de Portugal. Viva a Maia! Viva Portugal! Viva o 25 de Abril!”-----

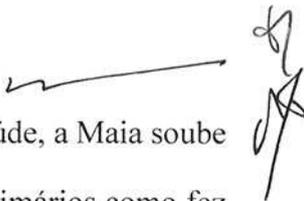
**ANTÓNIO GONÇALVES BRAGANÇA FERNANDES, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA MAIA**, depois de fazer uma saudação a todos os presentes, disse o

seguinte: “Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Maia, Luciano da Silva Gomes, saúdo, Ex.mas Senhoras Secretárias, Ex.mas Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia, Senhores Vereadores, Autarcas aqui presentes, Senhores Representantes dos Partidos Políticos, Senhoras e Senhores Dirigentes das Coletividades e Instituições do Concelho presentes, Senhoras e Senhores Jornalistas, Estimado Público, Minhas Senhoras e Meus Senhores, É com grande honra que a Câmara Municipal da Maia se associa a esta Comemoração e felicita a sua Assembleia Municipal na pessoa do seu presidente, Senhor Luciano da Silva Gomes, por esta cerimónia, pelo trabalho intenso em prol da defesa dos direitos e interesses dos cidadãos, e também pelo seu empenho e pela dedicação a favor da causa política pública a que todos dizem respeito. Aos restantes membros da Mesa da Assembleia Municipal e bem assim a todas as Senhoras e Senhores Deputados Municipais eu endereço igualmente as minhas sinceras felicitações enquanto representantes do poder local e fiscalizadores democráticos desse mesmo poder local. Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Minhas Senhoras e Meus Senhores a Assembleia Municipal da Maia como fórum político de excelência da democracia representativa da Maia e dos maiatos, é o local certo para se fazerem todas as reflexões políticas e estratégicas de avaliação do passado e preparação do futuro da nossa Maia. Hoje, e neste momento, celebramos nesta Sessão Solene da Assembleia Municipal a passagem de mais um aniversário do dia da liberdade, o 25 de Abril. Portugal 2013 é muito diferente do Portugal de 1974. Na madrugada de 25 de Abril de 1974, os militares saíram à rua colocando um ponto final no regime autoritário, cansados da guerra que hipotecava o futuro dos seus jovens. A possibilidade de escolha aliada à liberdade de reunião, à liberdade de expressão, à liberdade de imprensa, ao acesso à justiça, ao sistema nacional de saúde, à educação e ao poder local autárquico são direitos que caracterizam uma sociedade portuguesa que evoluiu e sem os quais nós não nos imaginamos a viver. Hoje celebramos 39 anos de vida democrática. Convido-vos a todos que façamos uma pequena reflexão – cerca de um terço dos portugueses



e também de Maiatos não viveram o 25 de abril, infelizmente não conhecem outra realidade que seja senão viver em liberdade. Aqueles que sempre viveram em liberdade, desconhecem o seu preço. É comum dizer-se que só nos apercebemos do valor das coisas quando ficamos privados delas. Neste sentido, todos sem exceção temos a responsabilidade lembrar os valores da liberdade, conquistada por todo um povo. A liberdade e o 25 de Abril não são causas de um partido político ou de uma área política são sim as causas de um povo. Infelizmente, hoje, vivemos num país com menos liberdade que há dois anos atrás. A privação de liberdade pode concretizar-se de muitas formas: não é só a repressão, nem a brutalidade que são características da falta de liberdade é a irresponsabilidade da acção governativa de mais diversos níveis, deve-se inevitavelmente à perda de liberdade. O Portugal de hoje não é o Portugal de ontem. O período difícil em que vivemos é um período que não devemos esquecer. Os erros cometidos não podem ser repetidos. Na política como tudo na vida não pode valer tudo. O futuro das gerações que nos sucederão não pode ficar hipotecado pela irresponsabilidade de quem exerce funções políticas. Na Maia, felizmente, temos uma Câmara Municipal que soube perceber a mudança de paradigma da gestão autárquica, soube ver e soube agir. Contra alguns que sem visão não percebem os tempos em que vivem e muito menos conseguem perspectivar os tempos que se nos avizinham; a Câmara Municipal soube concretizar uma política de rigor e consolidação orçamental das contas do Município reduzindo à dívida, como já foi dito, em cerca de 60 milhões de Euros desde 2006, como ficará evidente nos relatórios de prestação de contas que esta Assembleia Municipal brevemente analisará e aprovará. E conseguimos fazer isto mantendo um concelho atrativo com qualidade de vida, motor económico de uma região que terá responsabilidade de ser uma vez mais a locomotiva e o dínamo de um país rumo à saída da crise. Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Minhas Senhoras e Meus Senhores, esta afirmação reside em factos e não opiniões respeitáveis mas desprovidas de factualidade e sustentabilidade. Os dados provisórios dos censos 2011 são claros: a Maia foi o concelho que mais cresceu na

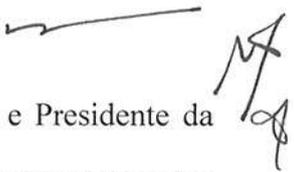
última década em toda a Área Metropolitana do Porto. A Maia é o concelho da Área Metropolitana do Porto com maior índice de sustentabilidade, de potencial que é a relação entre a população em idade ativa e a população idosa com um valor muito acima da média da região e do país. Mas estes resultados não surgem por acaso. Surgem porque o Município em tempo oportuno soube criar as condições de atractividade ímpares que nos caracterizam. As dificuldades económicas-financeiras do país estão a provocar um garrote legislativo sem precedentes na nossa história democrática que altera completamente a forma de gerir uma Autarquia. É cada vez mais evidente que quem não construiu as suas infraestruturas dificilmente poderá fazer na próxima década. A aposta na educação é um dos principais pilares da nossa ação como forma de promover a igualdade de oportunidades através de condições de excelência das nossas escolas no processo ensino aprendizagem aos professores e alunos na Maia. Para mim, a aposta na educação nunca foi encarada como um custo, mas sim como um investimento no futuro dos jovens maiatos e assim continuará a ser. O segundo pilar estratégico em que assenta a nossa ação municipal é na proteção social dos mais desprotegidos. A aposta na ação social e na capacidade de resposta à emergência social sempre em rede e em parceria com as IPSS e as demais entidades solidárias é vital ainda para mais na situação socioeconómica que vivemos. O apoio à terceira idade, aos portadores de deficiência e às crianças é uma imagem de marca da Maia. Considero que uma sociedade só é justa se soubermos cuidar daqueles que tudo deram de si para que hoje tenhamos o que temos e se soubermos proporcionar condições necessárias ao crescimento saudável das crianças, e qualidade de vida a quem é diferente. As instituições sem fins lucrativos de solidariedade social, as colectividades culturais e desportivas e as organizações formais como os Vicentinos são parceiros fundamentais para o equilíbrio social do Concelho. Por isso é que mantemos o apoio e os incentivos às respectivas entidades e projectos. O facto de termos mais de 80 infraestruturas municipais desportivas a serem utilizadas diariamente por treze mil pessoas, em que cinco mil são crianças e jovens são bem demonstrativos da importância do desporto



como alicerce importante do desenvolvimento da comunidade maia. Na saúde, a Maia soube criar condições para que o Estado pudesse investir nos cuidados de saúde primários como fez cedendo terrenos, edifícios; hoje, na Maia, a esmagadora maioria da população tem médico de família em unidades de saúde adequadas e modernas. No ambiente, somos o concelho do país com uma das maiores áreas verdes por habitantes, os investimentos efectuados em parques urbanos e pequenos espaços verdes de proximidade aliados as políticas de promoção de hábitos de vida que têm na reciclagem e na separação dos resíduos, a Maia é o concelho português que mais separa e mais recicla. Em Portugal nós reciclamos cerca de 30% e ao facto do Concelho ter uma cobertura de distribuição de rede de água de qualidade e de todo o saneamento são a imagem de marca que traduzem a excelência da qualidade de vida da Maia. O terceiro pilar em que está assente a estratégia de desenvolvimento do município é a promoção de condições favoráveis à instalação de empresas como forma de aumentar o emprego. Sem demagogias e sem paradigmas nos jornais a Câmara tem sabido de forma discreta mas eficaz potenciar as mais-valias do seu território e atrair investimento. Segundo os números do INE, a Maia é um dos concelhos que mais exporta no país com valores superiores a mil milhões de Euros anuais para os quais muito contribuem as acessibilidades das zonas industriais e o planeamento estratégico do Município que potencia a rápida circulação de pessoas e bens. Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Minhas Senhoras e Meus Senhores, não me cansarei de continuar a luta contra os pórticos colocados na A41, lutei contra o anterior Governo por ter criado este problema discriminando a Maia que é o único concelho no país que tem portagens dentro da malha urbana da cidade. E luto contra este Governo, por passados quase dois anos, ainda não ter corrigido esta situação discriminatória. Pórticos que custam uma fortuna ao Estado fruto de parcerias público-privadas ruinosas para o país. Estes pórticos têm sido muito prejudiciais para a competitividade não só da Maia mas também de toda a região norte. A Maia não se resigna, temos assumido este combate porque acreditamos que este modelo de financiamento de Scut's não serve o país nem serve a Maia.

Em contra ciclo com o país, a Maia está a ser capaz de investir mais cedo que outros municípios. A Maia está a investir nas pessoas e a investir na resposta social. Este é o momento de cuidar das pessoas que mais precisam. Este é o tempo de preparar o futuro. O futuro prepara-se hoje. O futuro prepara-se todos os dias para que os nossos filhos vivem melhor do que nós, em verdadeira liberdade para fazerem as suas escolhas sem estarem dependentes das imposições de qualquer credor. A verdadeira liberdade consiste em pudermos fazer as nossas escolhas de forma responsável, e sem condicionalismos. Por isso, hoje temos a consciência do dever cumprido. E mais que tudo, temos a consciência e a responsabilidade de falar a verdade e assumir que é vital para a Maia prosseguir neste rumo. O rumo da credibilidade, da sustentabilidade, e da verdade que têm nas pessoas e na qualidade de vida dos maiatos é o cerne da sua ação. A Maia não está amarrada a nenhum PAEL, não teve que se endividar para pagar dívidas, não tem dívidas a curto prazo, e hoje está a pagar a 30 dias aos seus fornecedores porque sabe gerir com rigor, com eficácia e eficiência sem comprometer o investimento de proximidade. Desta forma, a Câmara pode de forma livre fazer as suas opções estratégicas sem hipotecar o futuro. Podemos dizer que na Maia cumprimos Abril. Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Minhas Senhoras e Meus Senhores, a terminar, realço este rumo que prometemos seguir e que iremos continuar a cumprir. Está na minha convicção em plena concordância não só com a riquíssima história da nossa Maia como também com os seus valores mais fortes, mais honrados e mais enraizados nos sentimentos profundos das verdadeiras gentes da Maia. É este rumo o único que sei seguir, com dedicação, com pleno sentido de dever profissional, com humanismo e com a mesma preocupação pela fidelidade à palavra dada e aos compromissos assumidos. Para terminar, agradeço a presença de todos, um bom 25 de Abril. Viva a Maia! Viva Portugal!”-----

**LUCIANO DA SILVA GOMES, PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL,**  
depois de fazer uma saudação a todos os presentes, disse o seguinte: -----



“Ex.mo Senhor Eng.º António Gonçalves Bragança Fernandes, meu amigo e Presidente da Câmara Municipal, quero agradecer na sua pessoa a colaboração que a Câmara Municipal deu a esta iniciativa e na sua pessoa também agradecer a todos os colaboradores do Município que fizeram com que ela acontecesse com a dignidade que todos presenciamos; Senhoras Prof.ª Maria de Lurdes da Costa Almeida Rebelo Maia e Dra. Márcia Isabel Duarte Passos Resende, 1.ª e 2.ª Secretárias da Mesa da Assembleia Municipal, Senhores Deputados e Líderes das Bancadas com assento na Assembleia: António Fernando Gomes de Oliveira e Silva, Prof. Doutor Luís Maria Fernandes Areal Rothes, Dr. Silvestre Santos Gomes Pereira, Dr. Pedro Miguel Neves Ferreira, David Augusto Duarte Tavares, Floriano de Pinho Gonçalves, para além do Movimento Independente é como todos sabem Presidente da Junta de Freguesia de Vila Nova da Telha, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Vereadores da Câmara Municipal, a quem agradeço também a vossa presença, Senhoras e Senhores Representantes dos Partidos Políticos, a quem saúdo com amizade, Senhores Representantes das Instituições, a quem agradeço não só facto da vossa presença mas também algumas delas fazerem-se representar com o seu estandarte, Comunicação Social, Minhas Senhoras e Meus Senhores, no seu normal funcionamento o Grupo de Trabalhos de Apoio à Mesa da Assembleia Municipal, em reunião, decidiu, por unanimidade, depois da minha proposta, aceitar comemorar o 39.º aniversário do 25 de abril. Nesta simplicidade que envolve hoje esta comemoração, não se perde, até se ganha, porque foi com esta simplicidade que, no seio dos militares de Abril, que tal feito foi possível concretizar. Por isso, esta forma de comemorar é para mim tão importante quanto o seria se para ela alocássemos meios e recursos que podem ser e devem, utilizados noutras necessidades. Depois do alto significado do hastear da Bandeira Nacional, das intervenções de todos, segundo o seu pensamento, aqui trouxeram as suas convicções sobre esta memorável data, preenche-se, no meu entender, aquilo que Abril de 1974 nos trouxe e pede que a todos continue. Esta data é para mim e para todos que viveram o antes e depois, momento de reflexão que importa abordar. Abril fez-se

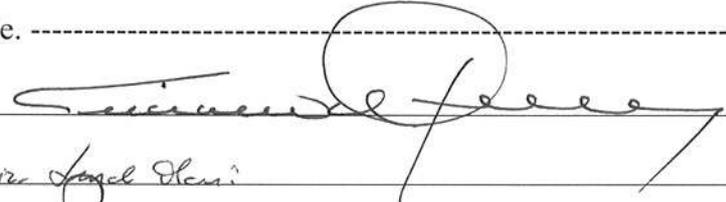
essencialmente para acabar com as guerras fratricidas do Ultramar. Mas também se fez para o equilíbrio e a equidade entre todos os portugueses. A guerra e fome, analfabetismo, baixos salários, uma enorme diferença de estratos sociais, eram assim à época. Volvidos trinta e nove anos, o cenário começa a ser semelhante. Há fome, não debelamos o analfabetismo, continuam os baixos salários, não há emprego e os estratos sociais continuam bem distantes. Se os militares que fizeram Abril, na sua maioria pugnaram para que o poder fosse entregue à sociedade civil, embora no início com desmandos, as primeiras eleições livres devolveram ao povo a responsabilidade dos destinos de Portugal. Nesta conformidade, poder-se-á dizer que foi o povo, nas suas várias chamadas a pronunciar-se, foi que trouxe o país até aqui. Hoje, refletindo estes trinta e nove anos, verificamos que todos os que governaram o país, não o fizeram da melhor forma. Mas porque acabando uns com as pescas e agricultura, construindo uma cultura de betão e asfalto, hoje nada sentem e até apregoam que será necessário voltar a essas paragens. Outros na política da facilidade, pensaram poder dar tudo a todos, pensando que quem empresta não espera que lhe paguem. Parece-me pois, que os portugueses que, em vários momentos ouviram, uns e outras promessas, se sentem agora enganados e esquecidos. Urge, por isso, mudar de rumo, não se pode esperar mais tempo para que haja uma réstea de esperança neste Portugal que deu novos mundos ao mundo. Neste Portugal em que se culpam uns e outros, onde a arrogância, por vezes, dos governantes ultrapassa tudo o que é admissível, e por vezes parecem viverem noutra galáxia. Neste dia de Abril, onde a esperança tem de ser facto verdadeiro e objetivo, em que tantos portugueses vivem abaixo do aceitável, teremos que dizer Basta! Enquanto, não houver economia, palavra tão propagada por todos os governos; enquanto não houver indústria, esta sim geradora de emprego; enquanto continuarmos a ter na nossa rua, no nosso prédio, na nossa família situações graves, não se completou Abril. Abril, deve ser solidariedade, deve ser esperança, deve ser emprego, deve ser salários condignos, deve ser preocupação nossa, mas acima de tudo daqueles que nos governam. Passado, presente, mas sobretudo futuro a que aspiramos para as nossas crianças,

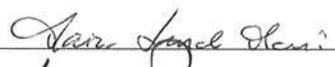
para os nossos jovens e para os nossos idosos. O passado foi o que foi. Que o futuro seja melhor e ele está na mão de todas e de todos os portugueses. Faço votos que nesta Assembleia Municipal, de uma forma clara e objetiva, esquecendo-se muitas vezes as nossas ações partidárias, possamos contribuir com o nosso trabalho, enquanto autarcas e cidadãos para em CONJUNTO com os demais, possamos construir um Portugal melhor, uma sociedade mais justa e mais fraterna. Disse. Muito obrigado!”----- - -

----- Terminadas as intervenções a Sessão foi encerrada com o Hino Nacional - A Portuguesa, entoado pelo Grupo Coral Pequenos Cantores da Maia, ato a que todos os presentes se associaram. -----

**O SENHOR PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL, LUCIANO DA SILVA GOMES**, proferiu à Corporação dos Bombeiros Voluntários de Moreia da Maia, à pessoa do seu Presidente e do seu Comandante, uma palavra de agradecimento pela presença da sua guarda de honra e da fanfarra. Agradeceu ainda a todos que tornarem possível este momento, à Câmara Municipal e ao seu Presidente e toda a sua Vereação, aos partidos políticos, às nossas Instituições e a todos da sociedade civil.-----

----- E sendo doze horas do dia vinte e cinco de Abril do ano em curso, foi dada por encerrada a Sessão Solene, de que, para constar, se lavrou a presente ata que vai ser assinada pelos Membros da Mesa: Presidente da Assembleia Municipal, Luciano da Silva Gomes, pela 1.ª Secretária Maria de Lurdes da Costa Almeida Rebelo Maia e pela 2.ª Secretária, Márcia Isabel Duarte Passos Resende. -----

O Presidente: \_\_\_\_\_ 

A 1.ª Secretária: \_\_\_\_\_ 

A 2.ª Secretária: \_\_\_\_\_ 